

## Entrevista de Helena Guiliche

Nascida a 02 de Setembro 1972 na cidade de Maputo, foi uma estagiária no Projecto Cooperação Italiana em Nampula de Manutenção de equipamento Biomédico entre 1997 a 1998. Em 2001 iniciou sua Licenciatura em Ciências Políticas na Universidade de Roma “*La Sapienza*” onde defendeu sua tese em 2005 com o título “*Il processo di Pace in Mozambico: Con particolare riguardo al ruolo di Joaquim Alberto Chissano*”. Hoje trabalha na área de Comunicação no Gabinete da Coordenadora Residente das Nações Unidas em Moçambique.

Maputo, aos 15 de Dezembro de 2022

**P: Saudações sra. Helena Guiliche, como está? Entusiasmada com a entrevista?**

**HG:** Muito bem e obrigada pela oportunidade de poder dar o meu testemunho neste processo interessante de contar a história das relações de amizade entre Itália e Moçambique.

**P: Gostava de saber como foram estabelecidos os primeiros contactos com os italianos?**

**HG:** A minha primeira relação com a Itália estabeleceu-se no período da Guerra Civil<sup>1</sup>, eu era muito pequenina e recebemos ajuda humanitária da Itália. Ajuda humanitária em termos de alimentos, era década de [19]80 e naquele período, nós chegámos a ser o País mais pobre do Mundo. Recebemos ajuda e uma das confeções em que vinha a ajuda para minha família aparecia lá a mão-pássaro da Cooperação Italiana, o símbolo da Cooperação Italiana. Isso meteu-me muita curiosidade, fiquei tão curiosa que quis saber o que era. Fiquei lendo lá em baixo, donativos do governo italiano e ficou sempre essa curiosidade, “*quem eram os italianos,*

---

<sup>1</sup> Conhecida como Guerra de Desestabilização ou ainda Guerra dos 16 anos que opôs a RENAMO e o Governo de Moçambique representado pela FRELIMO. Esta Guerra decorreu entre 1976 a 1992 e dividiu-se em três fases primordiais: (i) Período Rodesiano- 1976 a 1980; (ii) Período Sul-Africano- 1980 a 1984 e (iii) Pós-Nkomati, de 1984 a 1992.

*porque é que eles tinham aquela mão pombo?"*. Porque dum lado é o pombo que representa Paz e do outro lado uma mão que dá ajuda. Isso criou muita curiosidade que comecei a ler um bocadinho mais daquilo que eu podia ler sobre a Itália. Quando via alguma notícia no Jornal sobre a Itália, lia e essa foi a minha primeira relação com a Itália.

No período da Guerra Civil eu e a minha família vivíamos em Marromeu que é praticamente na margem do rio Zambeze, na Fronteira entre a província de Sofala e Zambézia. Durante a Guerra Civil nós estivemos nesta região, quando eu terminei o meu ensino médio, tínhamos mudado de Marromeu para Beira devido a guerra, a procura de segurança e estabilidade. Terminei o meu ensino médio na Beira e estava à procura de oportunidades para ir à Universidade. Então, neste percurso de procura de oportunidades, fiz cursos de formação e estava à procura de alguém que pudesse dar uma oportunidade de estágio.

Em tantos lugares onde fui a procura de oportunidades de estágio, fui calhar num projecto da Cooperação Italiana que estava por detrás do Hospital Central da Beira onde eles faziam Manutenção de Equipamento Biomédico. Eu pedi o estágio, o sr. que estava lá na época era o Stefano Cícero que é falecido e ele disse não tinha nada, mas que ia ouvir alguns colegas porque o projecto estava na região Sul, Centro e Norte. O da região Norte deu-me uma oportunidade porque estavam num processo de inventário do equipamento biomédico. Porque a ideia do projecto era fazer o inventário de todo equipamento biomédico que existia em Moçambique, identificando a localização dos equipamentos, os que precisavam de reparação ou a compra de novos.

Era importante fazer um inventário geral a nível nacional para identificar o que é que o sistema de Saúde tinha em termos de equipamento médico. Foi uma coisa que me entusiasmou muito, tive a oportunidade de ir a Nampula. Nem toda gente sabia usar computador na época, estava muito entusiasmada porque ia aprender a usar o computador. Isso foi em 1997, eu estava a tentar usar o computador, no projecto tive a oportunidade de aprender a usar porque estava lá um técnico informático alemão. Ensinou-me juntamente com outros dois colegas a usar o sistema informático que era o que nós inseríamos os dados, uma espécie de BI dos equipamentos médicos. Inseríamos o ano de fabrico, nome do equipamento, e o problema que tinha.

Este projecto cobria a região Norte, nós trabalhávamos não só com a província de Nampula porque estava baseado no Hospital Provincial de Nampula, mas também trabalhamos com

Niassa e Cabo Delgado. Esta também foi outra oportunidade que eu tive através da Cooperação Italiana de poder viajar pelo Norte de Moçambique, conhecer todos os hospitais a níveis provinciais, distritais, rurais até o posto de Saúde lá mais recôndito. Isto aumentou minha paixão pelo trabalho na Cooperação ao Desenvolvimento.

Trabalhava porque era um projecto da Cooperação Italiana e neste projecto para além do sr. Aldo D'Imperio que era praticamente o responsável pela área Norte, também trabalhava o falecido Stefano Cícero cobrindo a Zona Centro, e o sr Enrico que não me lembro o apelido para região Sul e outros italianos. Mas esse foi o meu primeiro contacto direto de trabalho com os italianos, de trabalhar na região Norte com o sr. Aldo D'Imperio. Depois disso fiz um ano de Instituto Superior de Relações Internacionais, mas fiquei sempre com olho na possibilidade de poder ter uma formação para seguir a carreira na área de Desenvolvimento e Cooperação Internacional.

E é daí que eu tive essa oportunidade de poder ir para Itália porque conhecia os italianos, conheci as modalidades, ajudaram-me muito na pesquisa da possibilidade de poder estudar na Itália, quais eram os requisitos para ter uma bolsa de estudos. E comecei nesse processo que levou mais ou menos 01 ano e meio. Estudar Ciências Políticas na Universidade de Roma, *La Sapienza*, foi uma experiência que se voltasse, repetiria. Apesar das dificuldades iniciais da língua, o italiano pode ser uma língua traiçoeira, porque tem muitas questões que podem-se confundir, os famosos "*false friends*". Eu me lembro de alguém que disse "*squisito*", tinha cozinhado uma verdura nacional e convidamos italianos para casa. Eles comeram depois disseram "*squisito*" e eu pensei que estava a dizer esquisito, que não estava nada bom. Isso criou um mau humor até eu perceber que afinal queria dizer uma coisa excelente.

**P: Qual foi a primeira impressão que teve quando chegou a Itália?**

**HG:** Enquanto trabalhava com os italianos, eu usava poucas palavras do italiano só para trabalhar, aprendi só para me comunicar no ambiente de trabalho. Chegando a Itália percebi que tinha de aprender a falar realmente o italiano, a sério. O choque cultural, não sei se dependeu mais do facto de viver na Itália somente com italianos ou talvez o facto de sair duma realidade de África para um País desenvolvido do Ocidente. Lembro-me que uma das questões para além da língua foi ter que aprender a vestir a roupa para o inverno. Eu comprei algumas peças, pensando que fosse suficiente, uma camisolinha, mas não tinha

ideia que não era suficiente. Muitas vezes ligava para Moçambique e quando me perguntavam como é que era o frio e eu de modo a dar uma ideia dizia “já imaginaram estar dentro dum congelador?”. Era a única maneira para levar as pessoas a entender pois o clima foi um problema sério.

Me lembro dum episódio que eu estava toda vestida, estava com botas inverniais e sai para rua. Enquanto caminhava, olhei para mim e não me reconhecia, parei na estrada e chorei. Cresci numa realidade onde andava sempre de sandálias, de chinelos e eu via meus dedos dos pés. Eu não via meus pés, não me sentia eu mesma e comecei a perder coragem. Eu queria fazer uma formação que me permitisse trabalhar na área que eu já tinha aprendido com a Cooperação italiana e que eu gostava bastante. Então resisti o primeiro período a tentação de pegar o avião e voltar. A Itália é famosa pela boa cozinha, tem uma das melhores cozinhas do mundo, mas não estava habituada a alimentação. Eu precisava comer Arroz, Matapa e Feijão. Foi muito difícil aprender a comer massa com maior regularidade e até identificar os espaços onde vende-se comida que é similar a minha.

A maneira de relacionar-se com as pessoas e a sensação que todo mundo estava correndo, pois, todo mundo estava com pressa e eu não percebia. Eu não sabia usar os meios de transportes públicos, usar o metrô para faculdade e fazer ligação entre os meios de transporte. Os horários italianos não são muito rígidos como na Suíça, mas completamente diferentes do que habituei em Moçambique. Essas foram as dificuldades iniciais, mas a medida que o tempo foi passando consegui ultrapassar porque os italianos foram muito acolhedores. Havia colegas na Faculdade que me ajudavam a escrever o que era necessário, a lembrar-me dos avisos que eram importantes e perguntavam se queria um momento com eles para fazer revisão de algumas coisas que tínhamos apreendido. Eu fiz Licenciatura em Ciências Políticas do velho ordenamento de quatro anos com endereço internacional para trabalhar na área que estou no momento. Então, é uma coisa que eu gostava.

**P: Que contactos próximos manteve com italianos no período da Licenciatura?**

**HG:** Para além dos colegas na Universidade que tinha uma curiosidade sobre África e alguns deles nunca tinham ouvido falar de Moçambique, tinha aqueles italianos que não era uma frequência directa mas sim amigos de Moçambique ou pessoas que tinham trabalhado em Moçambique e que eles participavam nos eventos organizados pela embaixada de Moçambique em Roma. Eu falava dessa história, da relação de Moçambique com a Itália

desde a relação que tiveram com a cidade de Reggio-Emília na Luta Armada de Libertação Nacional. Além do mais, a embaixada de Moçambique organizava eventos por alguma razão mas, os mais frequentes eram eventos relacionados com o dia da Independência, 25 de Junho. Havia sempre algum evento e nos quais tinha sempre a presença dos italianos ou curiosos de Moçambique. Os italianos curiosos, tinham tido alguma experiência de trabalho em Moçambique e os que pensavam em investir em Moçambique.

O tipo de relação era essa e eu vivendo na Itália, não tinha oportunidades em relacionar-me com pessoas que não fossem italianas. O grupo de Moçambicanos que estava lá não era muito grande. Encontrava moçambicanos em alguns eventos mas eu vivia num contexto de italianos e quando conheci meu marido, fui viver numa família italiana com minha sogra, com a mãe da minha sogra, os tios da minha sogra e eu acho que em algum momento, mudá-nos. Eu fiz uma licenciatura que tinha muitos aspectos da história de Itália: Como se formou Itália até chegar República Italiana e tinha parte do Direito Público que estudava as leis italianas, a Constituição onde tinha de ter em memória para passar de exame. Esse processo de aprendizagem transformou-me que as vezes me sinto um bocadinho italiana. Sou moçambicana, mas também me sinto italiana.

**P: Nos eventos organizados pela Embaixada de Moçambique em Roma, houve eventos dedicados a visitas de chefes de estado. Pode falar um pouco sobre isso?**

**HG:** Na verdade a Embaixada de Moçambique em Roma sempre organizou eventos, sempre comunicou a comunidade moçambicana sobre a presença ou visitas de trabalho de oficiais de governo moçambicano ou outras figuras moçambicanas e uma das vezes tivemos a visita da Sua Ex. Presidente da República Armando Guebuza<sup>2</sup>, que disponibilizou tempo para comunidade moçambicana. A Embaixada ouvia dos moçambicanos o que eles gostariam de ter como suporte de Moçambique para diáspora. Era um momento de conversa, de confraternização, de troca de impressões e sugestões. Nós tivemos esse encontro em 2013, foi um encontro muito bom.

Tivemos a oportunidade de falar das nossas perspectivas, foi um período em que muitos moçambicanos estavam a preparar-se para voltar para Moçambique, porque depois da crise

---

<sup>2</sup> Foi Presidente de Moçambique entre 2005 a 2015. Juntou-se à FRELIMO em 1963. No Governo de Transição (1974-1975), Guebuza ocupou a pasta da Administração Interna e no primeiro Governo de Moçambique independente a pasta de Ministro do Interior. Foi o Chefe da Delegação do Governo às negociações com a Renamo, em Roma, quando era Ministro dos Transportes. Depois de assinado o AGP – Acordo Geral de Paz, foi nomeado chefe da delegação do governo na Comissão de Supervisão e Implementação do AGP para Moçambique.

económica aquela de 2009-2010, muitos ficaram sem emprego e outros estavam a tomar a decisão de voltar. Tivemos a oportunidade de saber o que estava acontecendo em Moçambique e quais eram as possibilidades de empreendedorismo ou de trabalho em Moçambique para os moçambicanos que queriam regressar. Nesses encontros tinha presença de muitos italianos, os amigos de Moçambique e aqueles que tinham associações ou pequenas ONG's. Tinham associações dos amigos de Moçambique como por exemplo *Machimbombo*, tinham associações como *Karingana wa Karingana* e tinham outras associações de moçambicanos, etc. Foi uma oportunidade para encontrar todos, oportunidade para encontrar muitos moçambicanos, encontrar italianos amigos de Moçambique ou pessoas que queriam investir em Moçambique ou alguém que queria saber mais sobre Moçambique.

**P: Estudo na Universidade *La Sapienza* e também sei que fez o Mestrado. Pode falar mais sobre isso?**

**HG:** Eu fiz o Mestrado na Universidade de Roma "*La Sapienza*", um Mestrado em Protecção Internacional de Direitos Humanos. Depois da minha Licenciatura tive a minha experiência de estágio e eu tive a oportunidade de conhecer italianos a indicar-me quais áreas que eu podia usar para meu crescimento profissional. Maurizio Busatti é um italiano que trabalhou em Moçambique e ajudou-me a aplicar para uma oportunidade de estágio na Turquia. Na Turquia estava a trabalhar com Organização Internacional das Migrações e deram-me uma tarefa de trabalhar não só com a questão de gestão migratória que era praticamente aquilo que se fazia de orientação cultural para os imigrantes. Existem países receptores de imigrantes e de refugiados que na época, eram provenientes do Afeganistão e do Iraque. Havia preparação dessas pessoas para saberem como é que vive-se no País receptor, por exemplo, nos EUA. Eram pessoas que levavam toda família numa outra realidade e para além desta área, deram a oportunidade de trabalhar na área do Tráfico de Seres Humanos, eu pude perceber como o tráfico de seres humanos é dilema que afecta quase todos os países no mundo. O risco que as pessoas passam em serem traficadas de um País para o outro, para fins de prostituição, escravidão, etc. Foi uma coisa que me deixou muito sensível e pensei que era uma grande violação dos Direitos Humanos, tinham histórias horríveis, pessoas desapareceram e a família não sabia onde estavam. Havia mães que abandonavam os filhos pensando em oportunidades de encontrar condições de vida melhor mas depois acabavam nessa rede de tráfico.

No meu regresso a Itália, para Universidade decidi que ia estudar alguma coisa relacionada com a Protecção dos Direitos Humanos. Daí a minha escolha em fazer Mestrado em Protecção Internacional dos Direitos Humanos em que praticamente nós tínhamos vários aspectos para além de tráfico de seres humanos, tínhamos tantos outros tratados internacionais que existem de protecção dos direitos das pessoas em geral. E isso deu-me a oportunidade como actividade da Universidade em fazer um estágio no Conselho Italiano para os Refugiados e foi uma experiência boa. Encontrei vários refugiados que pediam exílio político, religioso e outro tipo de protecção internacional. Nessa ocasião, pude directamente ouvir histórias e a razão da perseguição que elas sofriam, muitas vezes era perseguição do tipo religiosa e política. Para o processo de selecção, fazia-se entrevistas com as pessoas, sabia-se das histórias para poder identificar quem estava a procura realmente duma protecção internacional ou quem estava refugiado ou era simplesmente um imigrante.

Foi uma experiência boa também porque eu vivo em Latina, a minha cidade na Itália que dista praticamente 70km de Roma, eu tenho uma ligação e sentimento especial com Roma. Roma é daqueles lugares que sinto saudades assim como Maputo, depois dum determinado tempo, fico com saudades só de parar até ver os meios de transporte passar, vendo as Titias com capulanas e senhoras que vendem produtos na rua. Roma é o lugar onde fiz os primeiros anos da faculdade e essa experiência no Conselho Italiano para os Refugiados foi bonita. O Conselho Italiano para os refugiados está praticamente na zona do Coliseu, no centro de Roma. Eu para ir ao trabalho passava do Coliseu e pensava na magnitude dum edifício histórico como Coliseu que é um dos edifícios mais visitados no Mundo. E essa experiência diária, indo ao trabalho foi muito enriquecedora e é uma coisa que lembro com muito prazer apesar de facto que eu ia trabalhar com coisas delicadas, muito tristes as vezes, a história dessas pessoas que emigravam a procura de protecção.

**P: Foi na Licenciatura ou no Mestrado em que fez uma Tese sobre o Acordo Geral de Paz (AGP)?**

**HG:** Foi na minha Licenciatura e eu na verdade como eu disse fiz Ciências Políticas, um curso que entre várias matérias, tínhamos o Direito Internacional, parte da História dos Tratados e Política Internacional, estudei Economia Internacional, História Moderna e Contemporânea, História dos Países Afro-asiáticos, Estatística, Geopolítica e Geoestratégica e outras disciplinas que enriqueceram o meu conhecimento multidisciplinar. No início tinha

pensando que iria trabalhar a minha Tese de Licenciatura sobre os processos de Descolonização em África porque como podem saber, os processos de descolonização são diferentes pelos Países que eram colónias britânicas e francesas. A descolonização portuguesa foi diferente pois tivemos a Luta Armada. Pensei que era um aspecto que eu podia aprofundar estudando nessa área mas o meu professor disse “*não, não estou interessado nisso, eu gostava que você fizesse uma Tese de Licenciatura sobre o processo de Paz em Moçambique e o papel de Joaquim Chissano. Quero saber mais sobre isso, quero saber mais desse sucesso do processo de Paz, dessa relação de Moçambique -Itália, quero saber desse papel de mediação forte da Comunidade de Santo-Egídio*”. Foi assim que acabei estudando e foi muito interessante porque tive a oportunidade de saber mais o que realmente aconteceu pois no momento de assinatura do AGP, apenas ouvia pela rádio. Como todos moçambicanos, estávamos a espera com atenção, no momento em que se assinaria o acordo. Tive a oportunidade de ir e perceber mais sobre o processo de Paz.

**P: Que análises pode fazer muito breves mesmo sobre a sua Tese?**

**HG:** Posso dizer que eu achei esse processo de Paz um sucesso porque contou muito o aspecto das relações da Itália (algumas regiões e cidades italianas) com Moçambique desde o período da Luta Armada. Isso determinou a confiança que os moçambicanos tinham em relação a Itália. Penso também que foi importante a presença de figuras religiosas, sabemos que a Itália é a pátria do catolicismo e as figuras religiosas como Dom Jaime Gonçalves, a relação que tinham com a Comunidade de Sant'Egídio, ajudou a dar essa confiança que os moçambicanos dedicaram. Decidiram tornar a Comunidade de Sant'Egídio como mediadora, as relações com o governo italiano e o governo de Moçambique tinham desde o passado, contribuíram bastante. Houve também muito boa vontade de ambas as partes, seja da RENAMO, seja do Governo Moçambicano em chegar a uma Paz. Acho muita boa capacidade de mediação que tem os italianos, a Comunidade de Sant'Egídio, isso determinou muito para que esse processo tivesse um fim com a assinatura dos Acordos de Paz.

**P: Falou-me que durante seus estudos, alguns professores falavam que o AGP era uma espécie do sucesso da Nações Unidas.**

**HG:** Durante a minha Licenciatura em Ciências Políticas, nós tínhamos disciplinas relacionadas a Organizações Internacionais, tratados em Política Internacional e muitas vezes, meus docentes faziam menção do “Caso de Moçambique” como um sucesso das Nações Unidas. Falavam da questão após a assinatura dos Acordos de Paz, pois sabemos que depois tivemos aqui a força das Nações Unidas, mostravam como era possível fazer uma Paz duradora e o Caso de Moçambique era o exemplo. Para eles, Moçambique era o caso de sucesso da diplomacia internacional em geral. No fundo era diplomacia (governo italiano, Comunidade de Sant'Egídio e outros Países da região) que entrou no processo da mediação.

**HG: Que eventos mais te marcaram no seu trajecto de vida, na sua relação entre italianos desde sua juventude até data hoje?**

**HG:** Não sei, a minha formação universitária foi na Itália, praticamente os eventos mais importantes da minha vida aconteceram na Itália e quando me refiro a casa, falo de Itália. Sou uma pessoa diferente que consegue ver as coisas sobre dois pontos de vista, é uma riqueza porque eu consigo ter aspectos positivos das duas culturas. Eu consigo aproveitar desses aspectos positivos das duas culturas e acho que acredito que eu só uma pessoa diferente, não teria sido aquilo que sou hoje se não tivesse tido esta oportunidade de viver essa realidade italiana.

Eu devo muito a minha saúde a Itália, tive uma espécie de milagre porque graças ao sistema de saúde italiano, tive a oportunidade de poder resolver os meus problemas de saúde e felizmente ter até a oportunidade de poder ter os meus filhos. Eu cresci, porque consegui levar minha experiência de Moçambique desde a guerra civil, todas dificuldades e todos aspectos bons. Eu nasci numa altura em que tínhamos muita vontade de criar Moçambique. As raparigas eram muito impulsionadas a fazer o melhor pois estávamos a começar a contruir Moçambique, essa é a minha experiência desse período histórico, a minha realidade na Itália.

**P: Uma Frase ou uma Palavra que faz a sua relação com a Itália.**

**HG:** Posso dizer Amor. A frase que me identifica ou que identifica a minha relação com a Itália é: Amor.

**P: O que podes dizer da relação Itália-Moçambique?**

**HG:** Eu penso que as relações entre Moçambique e Itália irão continuar sempre assim boas, eu espero que mais moçambicanos tenham possibilidade ter uma experiência idêntica a minha em termos de formação universitária. Há muitos moçambicanos que tiveram a oportunidade de ir a Itália, conheci alguns que estudaram na Itália e que regressaram. Também participei no processo de recrutamento para selecção de moçambicanos pela Eni<sup>3</sup> que iam fazer a formação em Milão. Estive a trabalhar com a Eni nesse processo e espero que tenhamos mais oportunidades de formação para os moçambicanos, porque estou muito satisfeita da formação que tive. Eu percebo muitas vezes como tenho uma marcha há mais em relação as pessoas que tiveram formação de outro tipo.

Não estou a dizer que os outros sejam piores, mas o tipo de formação que tive na Itália não é só técnica daquilo que se deve fazer, mas também tem muita cultura na formação. Então, gostaria que muitos moçambicanos pudessem ter a mesma oportunidade para trazer esse *Know-How* de volta para Moçambique, mas também gostava que dessem oportunidade aos jovens italianos em ter uma experiência em Moçambique. Porque os que eu conheci no período que eu estava na Universidade, alguns tiveram oportunidade de fazer um estágio cá. No meu escritório, tivemos duas a três raparigas que vieram conhecer mais a realidade de outros países. Isso ajuda a crescer e amadurecer como jovem, foi por isso que no meu percurso de trabalho em Moçambique, trouxe os meus filhos por um período de quatro anos inicialmente e depois por outros 2 anos. Eu digo sempre que, na vida deles tem um antes e depois de Moçambique.

---

<sup>3</sup> Eni é uma multinacional petrolífera italiana constituída em 1953 por Enrico Mattei e privatizada em 1998. A empresa actua nos sectores de petróleo, gás natural, petroquímico e bioquímico, produção e comercialização de energia eléctrica a partir de combustíveis fósseis, cogeração e fontes renováveis.